

Sentido poético e ressonâncias do poder de Al Andaluz

(no testemunho de algumas fontes históricas de autores hispano-árabes)

Trabalho apresentado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no ano de 2002

Curso de História da Arte

Costa Brites

1.

O talento literário e o sentido poético da cultura árabe são, como é sabido, factores principais de coesão de um conjunto heterogéneo de etnias, tribos e grupos de povos inicialmente conhecidos pelos particularismos da mais variada natureza, a que o nomadismo acrescentava acentos de particular mutabilidade. Depois dos prodigiosos acontecimentos históricos ocorridos no sec. VII com o início da prédica do Corão por Maomet, foi imenso o papel desempenhado pelo génio da língua árabe como elemento impulsionador da civilização e da cultura dos povos muçulmanos.

Basta dizer-se que, no conjunto de todo o aparelho de administração político e religioso do mundo islâmico, toda e qualquer frase ou declaração oficial, toda e qualquer mensagem de importância que fosse passada, deveria ser concebida em verso e possuir qualidades rítmicas do mais elevado valor literário possível. Essa era a fórmula escolhida para conferir a cada declaração um cunho de durabilidade e dignidade, capazes de enfrentar os desafios do tempo.

2.

Ao ler a obra "Portugal na Espanha Árabe", com organização, prólogo e notas de António Borges Coelho (A.B.C.), é muito fácil confirmar aquilo que acima fica dito, ilustração – para mais – de factos e fenómenos enriquecidos em cada um de nós por efeito da memória. Tenha-se em atenção a enorme variedade de vivências e sentimentos oriundos dessa herança vastíssima que nos ficou do génio, do sangue e da cultura islâmicas.

"...Quantos, entre gente instruída da nossa terra, ignoram que Coimbra, Lisboa, Santarém, Évora, Beja, Alcaccer, Mértola, Silves, Faro foram centros notáveis de civilização árabe peninsular e cenário de relevantes acontecimentos políticos. Quem sabe que nalgumas destas cidades existiram centros literários e de pensamento? Quantos neste país conhecem o nome de Ibne Bassame de Santarém, fonte histórica e biográfica preciosa do mundo muçulmano? Quem leu os poetas que viveram e amaram neste bocado de torrão peninsular a cujo sol nos aquecemos como eles se aqueceram outrora? Qual dos bejenses saberá que Almutâmide, o célebre rei-poeta de Sevilha, nasceu na sua cidade? Acaso terá Beja um conterrâneo mais ilustre? Quem sabe que Avempace (Ibn Baji) um dos maiores filósofos dos árabes, recebe o seu patronímico de Beja, à qual, ao menos pela família, está vinculado? Que dizer dos poetas do Garbe do Andaluz: Ibne Sara de Santarém, Ibne Darrague Alcacetali de Cacela, Ibn Amar de Silves, Ibne Abdune e Ibne Aluaquil de Évora, Ibne Badrone de Silves, Almutâmide de Beja, Silves e Sevilha?..."

As interrogações formuladas são um desafio que adorna de modo exemplar o prólogo do I Volume da obra citada, que têm atingido um largo número de leitores interessados.

3.

A visão histórica que nos oferecem os cronistas árabes dos territórios, dos povos e dos sucessos que foram da Península Ibérica, aparece geralmente associada a uma nítida vocação literária, onde – para além de outros expedientes de enriquecimento do exercício da subjectividade – são frequentes as citações de trechos poéticos.

Muito embora tenha que ser levado em conta o tipo de escolha que foi feita pelo autor da colectânea, é um facto que um elevado número de episódios escolhidos releva de uma ineludível vocação romanesca.

O desenvolvimento da caracterização de "personagens" ou "figuras" susceptíveis de despertar no leitor compaixão e emoções várias é abundante, sendo notória a facilidade com que o discurso evolui do quadro de referenciação factual para um outro de reforço imaginário, onde os protagonistas históricos assumem qualidades ou defeitos compagináveis com os diversos géneros da arte das letras, seja poética, dramática ou afluente, em não poucas ocasiões, a autêntica intensidade da tragédia.

Nesse contexto são frequentes, quanto às figuras que protagonizaram a História, a menção dos seus dotes de erudição, das suas qualidades literárias e, sobretudo, do seu talento poético.

O papel dos poetas como agentes de interesse comum é variadíssimas vezes mencionado, nomeadamente como embaixadores ou mediadores em situações delicadas, já para não falar no desempenho que tinham ao nível da intimidade afectiva dos seus patronos e senhores, bem inseridos no seu meio social e em variados rituais de prestígio social e político.

Apenas como exemplo citarei os casos de Ibne Amar de Silves, jogral vizir e príncipe, que mais adiante é referido, e o do poeta Algazali que, no país dos normandos desempenhou intensa e persuasiva acção diplomática ao serviço do sultão Abderramão II. *"...Mandou pois a Algazil que fosse em embaixada com o emissário do rei dos normandos dado que era dotado de um engenho subtil e fácil, possuía habilidade para a réplica clara e contundente, demonstrara sobejo valor e audácia e sabia entrar e sair por todas as portas..."* (in "Ensayo Bibliográfico sobre los Historiadores y Geógrafos Árábigo-Espanoles", de Francisco Pons Boygues, Madrid, 1898)

Algazil foi tão eficaz no cumprimento das suas missões que o alargou para além do que o simples dever impunha, conquistando a entranhada afeição da esposa do rei dos normandos e a sua frequente visitação.

4.

No primeiro volume da obra citada de A.B.C. estão incluídos textos de geografia económica e sobre a política e a sociedade do Andaluz desde a conquista até ao estabelecimento dum emirato independente.

Variados são os testemunhos, parecendo-me notório que a descrição dos locais, das regiões e do país são animadas daquele entusiasmo da eloquência que nos transporta facilmente ao ambiente das conversas perdidas ao meio da noite, à volta duma fogueira, no meio do deserto. Algumas curiosidades e alguns detalhes entre o pitoresco e o fantástico remetem-nos para o sentimento das narrativas de almanaque. Até os produtos que a terra dá estão marcados por esse fulgor, sabendo-se das suas qualidades nutritivas a parcela mais apetecível ou de natureza mais opulenta.

Do Garbe no Sec X pelo Mouro Ahmede Arrazi ficamos sabendo, entra muitas outras notícias que:

"... no termo de Santarém há muitas e boas bondades e é mui saborosa terra. E, quanto é no chão, não costumam aí alqueivar nem na lavrarão duas vezes se não quiserem, tanto é de boa terra naturalmente..."

"... em Lisboa há muito mel e muito bom e é tão branco que não semelha senão açúcar e sabe melhor que o açúcar..."

"... em Ossónoba há mui boas hortas regadias e de mui boas frutas e mui claras. E em seu termo há muitos pinheiros. Suas bondades fazem dele um dos melhores lugares que há no mundo..."

"...a cidade de Coimbra é muito forte: é um castelo muito excelente;... é bela e dotada de diferentes bondades; possui na margem do rio uma veiga muito boa para a cultura, mesmo sem ser irrigada. Quando o rio sai do seu leito cobre-a por inteiro... tem muitos vergéis de bom rendimento e numerosos olivais que dão um azeite muito bom..."

Almunime Alhimiari, que escreve baseando-se em Abú Albacri (este do Sec. XI) fala-nos de várias partes do Garbe dos Secs. XI e XII: *"... de Beja era natural o imã Abu Alualide Albaji... jurista, letrado e sábio... viajou for a do país durante treze anos. Escreveu obras sobre os princípios do direito e é autor de versos como os seguintes:*

*"... Desde que sei de ciência certa que a minha vida toda não é mais do que uma hora
Porque não me aterei nesta vida a consagrá-la ao bem e à submissão à divindade?"*

A respeito de Évora fica a conhecer-se a passagem do poeta Iça Ibne Aluaquil que, na época do regime almorávida era empregado na administração em Granada. Verificado uma falta de dez mil dinares na caixa de que era responsável foi preso e levado para Marraquexe. Artista conhecido era autor de belos versos elogiosos para os seus protectores, entre os quais se contava o vizir Abú Alhaçane, que se apressou a interceder em favor do poeta e reembolsado o seu défice, tendo-lhe restituído a sua liberdade. São versos de Iça, os seguintes:

"...Um exilado sobre as terras do Magrebe tem o coração dividido entre duas afeições:

Salé tomou uma parte Évora a outra.

*Quando chora ou se lamenta para compartilhar a sua dor
não vê senão as nuvens alvacentas e as pombas cor de cinza"*

De Mértola sabemos ser terra da naturalidade do asceta Muça Ibne Imerane Almertuli que adquiriu em Sevilha reputação de santo, autor de concelhos de bom augúrio e de versos de qualidade.

De Silves nos é dito ser *"... de belo aspecto, de construção elegante e com bazares bem fornecidos... os seu habitantes são árabes originários do Iémene e doutras regiões da Arábia... falam um árabe muito puro, exprimem-se de maneira eloquente e citam versos de cor..."*

"... a região de Sintra é uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos são duma tal espessura que chegam a ter quatro palmos de circunferência. Acontece o mesmo com as pêras. Na serra de Sintra crescem violetas selvagens. Da costa vizinha extrai-se âmbar excelente..."

Sendo Edrici um geógrafo dos princípios do sec XII, é notável a impressão que ele nos comunica do território visitado. Em narrativas breves deixa-nos a percepção optimista de paragens belas e felizes, acompanhando-nos ao longo de uma rápida viagem ao longo das províncias do Garbe:

"...A ocidente da província de Albalalita está a de Alfacre e nela se encontram Santa Maria, Mértola, Silves e muitos outros lugares e castelos. Esta província é limítrofe da de Alcácer, onde está o castelo de Abu Déniz e onde ficam também Évora, Badajoz, Xerez, Mérida, Alcântara e Cória. (...) Depois fica a província de Balata, onde estão Santarém, Lisboa e Sintra..."

Da igreja situada no Cabo de S. Vicente conta Edrici não ter nela havido qualquer mudança desde a época dos primeiros cristãos, sendo os padres nela residentes devotados praticantes da virtude da hospitalidade. Possuía um

tesouro de valia, hospedando na cumeeira do edifício uma colónia de dez corvos, de origem ignota e com virtudes consideradas milagrosas.

5.

Ibn Saíde Almagribi, que é autor do livro "Al-Mughrib fi hulla Al-Mghreb", descreve longamente a população e os recursos agrícolas do Andaluz e não é parco em referências elogiosas, afirmando que é hábito dos andaluzes não viverem todos juntos à maneira dos egípcios, mas sim em casas pequenas no meio dos campos, à beira dos regatos e no declive das montanhas *"...o que dá ao país um aspecto de conforto e prosperidade que o viajante procurará em vão noutras partes. Além disso, as suas casas continuamente caiadas de branco dá gosto vê-las ao lado das árvores..."* e, citando o poeta Ibne Alhimara:

*"... os seus lugares que brilham entre as árvores
parecem pérolas desirmanadas
engastadas em leito de esmeraldas..."*

A descrição das terras e dos povos do Andaluz segue dentro deste espírito num conjunto de obras notáveis e atinge o zénite da admiração e do encantamento ao descrever obras de arte, realizações nobres e valiosas de todo o tipo, como foi a opulentíssima biblioteca de Córdova com os seus 400 000 volumes que foi reunida por Alaqueme II, patrono das artes e das ciências, protector de mestres e de sábios de todos os ramos do conhecimento, ou cidades de grandes dimensões e de incomparável prestígio.

Dos exemplos mais salientes é Córdova, *"ornamento do mundo"*, ficando conhecidos dados a respeito dos seus arrabaldes, do palácio real e de muitos outros, dos jardins e passeios públicos, das rendas, do comércio e da agricultura, das populações, da estrutura e capacidade administrativa de todo o califado.

Ouvindo falar de forma tão intensa e apaixonada duma qualquer parte do mundo, ficamos sem saber que país possa ser e onde se encontra, se no planeta que realmente habitamos, se no domínio do sonho ou da ficção, que é onde se traçam os cenários magníficos da literatura e se operam os desenvolvimentos imateriais do sentido poético.

Ibne Saíde, mais uma vez, é isso que nos faz supor: *"... O Andaluz tem sido comparável por muitos autores ao paraíso terreal (...) pois é bem conhecido que o paraíso perpétuo é aquele em que a bolota, a avelã, a noz, a castanha e outros frutos dos climas nórdicos crescem juntamente com as bananas, o açúcar de cana e outros produtos que são próprios dos países quentes..."*

O mesmo autor prossegue, com riqueza de detalhes, a enumeração das prendas e virtudes do país, dando informação acerca de toda a variedade de produtos disponíveis e bem assim dos gados e das manufacturas consoante o seu local de produção.

6.

De tudo perpassa por tais narrativas, até por vezes o carácter daquele que foi inimigo ou adversário, e é mencionado pelas suas virtudes, numa interessante nota de generosidade histórica que é rara, por abrir espaço a um sentimento de aceitação do homem não como ele é – lobo de si próprio – mas como ele deveria ser.

Na obra "Ajbar Machmua", de autor anónimo do sec. X que narra feitos sobre a conquista de Espanha pelo Islão, são várias as referências desse teor, a começar pela menção feita do "...infiel de nome Julião, a quem Muça Ibne Muçair combateu, mas achou que tinha gente tão numerosa, forte e aguerrida como até então não tinha visto. E não podendo vencê-la voltou a Tânger e começou a mandar algaras que devastassem os arredores, sem que por isso lograsse a sua rendição, porque, entretanto iam e vinham de Espanha barcos carregados de víveres e tropas e eram, além disso, amantes do seu país e defendiam as suas famílias com grande esforço..."

Após a morte de Vitiza sabemos, pela mesma fonte que foi eleito "... Rodrigo, homem resoluto e animoso que não era de estirpe real, mas chefe e cavaleiro..."

Na defesa de Orihuela fica registado o valor de Teodomiro, "...que era homem arguto e de muito engenho, ao ver que não era possível resistência com as poucas tropas que tinha, ordenou que as mulheres soltassem os cabelos, deu-lhes canas e colocou-as sobre as muralhas de tal modo que parecessem um exército, até que se ajustassem as pazes... tendo conseguido uma capitulação para si e para os seus súbditos... revelou o seu nome e fez entrar na cidade os muçulmanos que não encontraram nenhuma gente de armas pelo que lhes pesou o facto. Mas cumpriram o estipulado..."

Tais acontecimentos não devem porém iludir-nos. O clima de conflitualidade, a permanência dos factos de crueldade guerreira não conhecem detença, e até entre iguais, irmãos de fé e de ambos os lados a crueldade permanente não deixa de ir cobrando o seu pesado tributo pelas eternas razões da invejosa disputa do poder e da cobiça de fortuna.

7.

Já na leitura do Volume II da excelente obra de António Borges Coelho, que cobre acontecimentos desde o estabelecimento de um emirato independente no Andaluz até à queda do Califado de Córdoba, encontramos um sem número de episódios cuja comentário seria fonte de prazer literário e de profunda ilustração no domínio histórico, e que são especialmente ricos na elucidação de situações do tipo indicado no parágrafo antecedente.

Eloquente no traçado dessa dura atitude de quem não foge nem teme a guerra e suas consequências, são da nobre autoria do próprio Alaquême I, soberano do Andaluz que subiu ao trono no ano de 796.

Nascido de uma concubina escrava, era de alta estatura, moreno e magro. Deixou dezanove filhos e foi autor de poesias notáveis, entre as quais o seguinte auto-retrato:

"...Uni as divisões do país com a minha espada como quem une com a agulha os bordados e congreguei as diferentes tribos desde a primeira juventude.

Pergunta se nas minhas fronteiras há algum lugar aberto ao inimigo e correrei a fechá-lo, de espada nua e coberto com a couraça.

Acerca-te dos crânios que jazem por terra como taças de colóquintida: Dir-te-ão que em sua acometida não fui dos que fugiram cobardemente, antes acometi de espada na mão.

E que eu, quando retrocederam espantados do combate não fui dos que se apartaram com medo da morte.

Defendo os meus direitos e calquei os seus: humilhação e afronta sofre quem não os defende.

Quando nos demos a beber mutuamente as torrentes da nossa guerra, eu dei-lhes de beber o veneno penetrante da morte.

Porventura, ao fazê-los morrer acrescentei eu a medida da sua morte? Morreram porque assim o tinham decretado o fado e o seu destino adverso..."

Olha o país que deixei livre de dissensões, plano como um leito..."

8.

Em 822 sobe ao poder Abderramão II, soberano que reinou trinta anos com a fama de tolerante (J.A.García de Cortázar, in "La Época Medieval") e que as crónicas mencionam como "...poeta e escritor, homem de nobres propósitos".

Para além de muitos feitos e pelo valor das obras realizadas, ficamos a conhecer momentos da mais inusitada intimidade – se é que a intimidade dos grandes senhores se diferencia da do comum dos mortais, sem segredos vulgares ou desejos comezinhos. Leia-se o que a esse respeito nos é dito dos seus próprios sonhos eróticos, e da vibração da sua carne frágil e juvenil. Um rei com poluções nocturnas? Mas que historiadores são estes, que crónicas são estas que nos fazem saber tais coisas?

"...Prolífico derrame se deslizou de noite sem eu me dar conta", ao que lhe responde em verso o seu criado de quarto Ibn Xamr *"...apresentou-se vindo nas trevas da escura noite? Benvinda seja aquela que vem na escuridão a visitar-te".*

Este foi o resultado da visita que fez, em sonhos de Abderramão II, a favorita Tarube. E logo ali (porque se encontrava em missões de combates) nomeou general seu filho Aláqueme, e cavalgou depressa para Córdova, esporeando amor e saudades. Ibn Xamr, ainda, verseja em nome do seu senhor:

"...Sempre que vejo o sol que alumia o dia recordo-me de Tarube.

Rapariga adornada com as galas da beleza: os olhos julgam ver uma formosa gazela

Eu sou filho dos Hixeme, da família de Gálibe: alumio o fogo da guerra e o apago..."

Com uma página tão breve de história, ou com uma tão autêntica interferência da indiscrição sensível, quem leva a melhor são os reis, que ficam como nós, criaturas feitas de carne e osso, sonhos e desejos naturais. E ganha a palavra poética que, curando ou não de revelar verdades cientificamente comprováveis, se revela a si própria como força viva das expressões da alma.

9.

Mas não se pense que momentos tão fragilmente intensos se reservam apenas para adornar a figura de emires grandes de Espanha. A História de Ibne Amar de Silves, jogral vizir e príncipe, contada por Abd Al-Wahid Al-Marrakushi no primeiro quartel do sec. XIII tem o potencial dos mais devastadores romances de paixão e glória. Seja verdade, mais ou menos, aquilo que nos é contado, daria para um sem número de abordagens à contraditória e colorida diversidade do homem em seus dramas e sentimentos.

Natural da humilde aldeia de S.Brás fez estudos literários em Silves donde partiu para Córdoba onde obteve um sucesso fulgurante como talentoso poeta, o que lhe granjeou viagens, fama, prosperidade e recompensas. De tal forma que Almutâmide Alá, mal subiu ao trono o nomeou governador de Silves e do seu distrito.

A cuidadosa leitura da obra "Kitab al-Muchib" da autoria do já mencionado cronista a respeito da verdadeira odisséia de Ibne Amar é bem clara: tendo-se perdido de amores pelo príncipe Almutâmide Ibne Almutâmide Alá, foi desterrado pelo monarca seu pai, o que obrigou o protagonista a mais uma ronda poética pelos lugares mais distantes de Andaluz. Falecido Almutâmide Alá, eis que se abrem novos horizontes aos entranhados amantes Ibne Amar e Almutâmide, sendo explícito que este passou a associar-se àquele em *"...actos a que nenhum homem associa o seu irmão ou o seu pai"*

Sem poder concentrar neste breve trabalho senão uma pequeníssima fracção dos variados episódios da vida de Ibne Amar, ouçamos pelo menos dois dos seus momentos poéticos, elucidativos de algumas coisas que venho afirmando. Primeiro um fragmento de um célebre poema ("*cacida*") em elogio a Abu Amre Mutávide Billah:

*"... Faz circular a taça
que o Zéfiro matinal começa a fazer-se sentir
e as Pléiades detiveram a sua cavalgada nocturna.*

A Aurora ofereceu-nos a sua brancura e a noite afastou de nós a sua obscuridade".

"Contra os abraços da morte nenhum talismã tem poder", disse o poeta Hudzailli, e é bem certo. Depois de imensos sucessos e todo o fanal de inumeráveis paixões que o relato de Abd Al-Wahid nos permite adivinhar, Ibne Amar acaba por se *perder* *"... arrastado pelo seu orgulho e cedendo a tentações diabólicas"*.

Em grilhetas, beijando os pés do seu senhor que o havia aprisionado por faltas de lealdade e avidez de poder, acaba por ser retalhado por um machado de dois gumes que o predilecto amigo empunha como arma do castigo final.

No cativo prolongado que sofreu, teve ainda ocasião de redigir a Almutâmide uma longa "*cacida*" que *"... dirigida ao destino, aplacasse os seus rigores..."*:

Eis um extracto:

*"...Se perdoas, o teu carácter parecerá mais magnânimo e doce,
se castigas, não deixarás de ter evidentes e sérias desculpas.*

Mas se uma das resoluções encerra mais mérito, inclinar-te-ás pela que se aproxima mais de Alá..."

"Apaga as pegadas que deixei num mau caminho, pronunciando uma fórmula de perdão que as destrua.

Não escutes os relatos nem os conselhos dos caluniadores:

um vaso só pode exalar o odor que contém..."

"... essa falta resvalará e correrá sobre a tua doçura, tão lisa como a pedra de grão mais fino..."

10.

Sem poder levar estes breves comentários tão longe quanto gostava, não deixo de referir com particular interesse um episódio que foi narrado por Al-Makari, historiador marroquino do sec. XVI que, como nos diz

A.B.C. nas notas bibliográficas da sua interessantíssima obra *"...traça uma vigorosa descrição da civilização do Andaluz baseado nos escritores andaluzes e orientais"*.

Trata-se da visita que um rei cristão (Ordoño) e seu séquito, fizeram à corte de Alaquême II, em pedido de auxílio político-militar.

Os detalhes de toda a recepção, as emoções experimentadas pelos visitantes em deslocação a Córdoba e ao palácio de Medina Azahrá, o esplendor do protocolo e até a turbação que embargou a voz de Ordoño na presença do sultão, tudo nos é dado a conhecer, num tom vívido de reportagem, em nada distante de narrativas emocionadas dos grandes aventureiros e viajantes.

Após diversas ocorrências que preambularam o alojamento e estadia dos visitantes no palácio de Alnaurah (Nória), um formidável aparato fez recepção a Ordoño na sala do trono onde o esperava Alaquême, rodeado da mais completa representação da sua família, da corte e seus mais altos dignitários, vizires, cádis, magistrados civis, teólogos famosos, ulemas, secretários e (expressamente mencionados!..) os poetas!...

O rei cristão *"... quando se achou ante o trono, deitou-se por terra e permaneceu alguns instantes em tão humilde posição. Levantou-se de novo, avançou uns passos, prostrou-se de novo e repetiu tal cerimónia várias vezes até que chegou a pouca distância do califa. Tomou-lhe a mão e beijou-a, marchou depois para trás sem voltar a cara até chegar a um assento coberto com uma tela de ouro, que tinha sido preparada para ele a uns dez côvados de distância do trono real, sempre assombrado pela imponência da cena. Os condes e seu séquito, a que se havia permitido a entrada à presença real, avançaram prostrando-se repetidas vezes até ao trono do califa..."*

Ordoño guardou silêncio durante algum tempo. A voz sumira-se-lhe nos labirintos do peito. Foi Alaquême que teve de romper o discurso quando por fim notou que o seu interlocutor recobrou o ânimo suficiente para poder ouvi-lo.

"...Depois de ter falado o califa, Ordoño voltou a ajoelhar-se e, desfazendo-se em acções de graças levantou-se e abandonou a sala andando às arrecuas..."

A descrição arrasta-se ainda ao longo de diversos detalhes, até ao extremo escusado e vexatório de nos mostrar o rei cristão numa sala do palácio, acompanhado por súbditos eunucos de Alaquême, ajoelhando perante uma cadeira vazia em que o califa costumava sentar-se...

11. Conclusão:

Aquilo que nos fica de autêntico ao longo de toda esta preciosa colectânea vale bem o prazer de lê-la e de relê-la.

Se as "ressonâncias do poder" são o condimento inevitável de tantos relatos deprimentes da História, pela dureza da crua realidade que se repete e reaviva em cada dia que passa, estas outras histórias (sejam parte legítima da História, ou não) trazem-nos pelo menos a alegria e o sabor de havê-las lido. Sentido poético puro. Amor da palavra. Amor dos homens.

